

**BUCHET, CHRISTIAN & VERGÉ-FRANCESCHI,
MICHEL (DIR.). *LA MER, LA FRANCE ET
L'AMÉRIQUE LATINE*. PARIS: PUPS, 2006. 403 P.**

A presença francesa na América Latina é um assunto que ainda não despertou a devida atenção por parte dos estudiosos. O papel predominante exercido na Expansão Ultramarina por Portugal e Espanha, e mesmo Holanda, veio a ocultar a ação dos franceses no Novo Mundo. Mesmo na França, as pesquisas a respeito do processo de colonização de novos mundos acabaram por se dirigir tradicionalmente para a presença francesa na América do Norte, na África ou no Extremo-Oriente.

É essa lacuna na historiografia que o livro *La Mer, la France et l'Amérique Latine* tenta em parte suprir. A obra é resultado de uma série de conferências proferidas por pesquisadores no âmbito da Jornada de Estudos do Centro Ibero-franco-americano de História Marítima (CEFIAHMAR) do Instituto Católico de Paris. O centro, fundado em 1997 como prolongamento do antigo Centro Ibero-americano (surgido em 1947), nasceu com a motivação de estreitar os laços entre o universo ibero-americano e a França, desenvolvendo pesquisas que dêem conta das múltiplas interações entre economia, sociedade e marinha mercante. Em 2004, visando expandir os campos de pesquisa da instituição, o CEFIAHMAR transformou-se no Centro de Estudos do Mar (CETMER).

O livro, editado sob a direção do professor Christian Buchet – diretor do CETMER – divide-se em três partes: Marinha e Diplomacia, Marinha e Missão e Marinha e Economia, e busca dar conta da presença francesa nos mares latino-americanos, num período que vai do século XVI ao século XIX.

No que diz respeito à presença francesa em terras brasileiras no período colonial, mais especificamente, a obra nos brinda com dois excelentes artigos. No primeiro deles, intitulado *Pour une Histoire des occasions manquées – la France et le Brésil 1500-1700*, Frédéric Mauro indaga a respeito das causas do atraso francês na “corrida ultramarina” (em relação principalmente a seus pares Portugal e Espanha) ao mesmo tempo em que busca compreender por que, apesar dos inúmeros e cordiais contatos feitos por franceses em nossa costa, a França não foi capaz de implementar aqui, com sucesso, um modelo colonizatório.

Mauro afirma que a França só teria uma verdadeira política de estado voltada para a conquista dos mares sob Richelieu. Segundo ele, entre os fatores que teriam impedido o Estado francês de construir uma política naval voltada para as conquistas do Novo Mundo estaria a concentração da ação da política monárquica nas questões internas ligadas, num primeiro momento, à Guerra dos Cem Anos, e, depois, às guerras contra os Habsburgos. Além disso, também teria corroborado o apego da França a seu mundo rural, ou seja, “a recusa francesa de abandonar sua fazenda, seu parque ou seu jardim pelas aventuras do além mar” (p. 283).

Isso poderia ao menos em parte explicar o fracasso francês em terras brasileiras. Poucos corsários, desunidos, sem um suporte financeiro por trás, e sem o apoio de uma política de estado voltada para a colonização (e não apenas para a exploração comercial) não puderam se opor com sucesso à ação do Estado português. O fracasso da França Antártica, no Rio de Janeiro, e da França Equinocial, no Maranhão, são provas disso.

A França, no entanto, ainda que não inteiramente voltada para as conquistas do Novo Mundo, também teve seus “descobridores”. O caso mais evidente é o do “Colombo francês”, Jean de Verrazanne, como mostra Jacques Habert, em seu artigo intitulado *Le second des grands voyages de Jean de Verrazane vers les “Indes” et au Brésil, 1526-1527*. Verrazane, florentino de nascimento, e francês por adoção, serviu a Francisco I, o qual não aceitava o monopólio ibérico sobre o Novo Mundo. Após uma primeira

viagem fracassada, em busca de um caminho às Índias, Verrazane parte em 1526 do porto de Honfleur, na Normandia, com uma frota de quatro embarcações.

Em 1527, após um périplo que inclui a costa da África, chega à baía de Guanabara (antes mesmo, portanto, de Villegaignon), onde estabelece um contato comercial com os índios da costa visando principalmente para a extração de pau-brasil. Estadia que dura um ano, até sua expulsão por Cristovão Jacques. O interessante estudo de Habert sobre Verrazzane nos fornece novas informações oriundas de documento inédito, publicado em anexo, no qual Antônio da Silva de Menezes, escrevendo de Moçambique, dá contas ao rei português João III da presença francesa na costa brasileira e da movimentação do ousado navegador florentino.

É Patrick Villiers, contudo, que nos apresenta em maior detalhes esse mundo de piratas e corsários – franceses, em sua maioria – em seu *Raveneau de Lussan, un flibustier français à l'assaut de la mer du Sud*. O autor traça a distinção entre simples piratas, aventureiros foras-da-lei, e corsários, *flibustiers* e *engagés*, homens que serviam aos propósitos dos estados nacionais – exercendo, no caso francês, um papel estratégico importante nas Antilhas.

A obra, no entanto, não fica restrita ao comércio transatlântico. Diversos artigos se dedicam a desvendar as intrincadas relações diplomáticas entre a França e as potências ibéricas nas disputas envolvendo as terras do Novo Mundo. Num dos mais interessantes, *Le cosmographe et navigateur Pedro Sarmiento: son séjour en France (1586-1590)*, José Miguel Barros narra a trajetória do espanhol Pedro Sarmiento, encarregado por Felipe II de realizar diversas missões na América Latina e feito prisioneiro, quando do seu retorno à Europa, pelo governo Huguenote francês de Henrique IV. A partir deste caso, o autor analisa as difíceis relações entre França, Espanha e Inglaterra no conturbado século XVI, no contexto da disputa pelas possessões do Império Espanhol.

Além disso, vem abordado o papel fundamental exercido pelos missionários da Igreja Católica – sobretudo os franceses – na colonização da América Latina. Destaque-se o excelente artigo de Catherine Marin, *La redéfinition de la Mission au XVIIe siècle. Un texte fondamental de Rome: Les instructions aux Vicaires apostoliques de 1659*. No texto em questão,

a autora trabalha sobre a nova orientação de Roma no que diz respeito à evangelização do Novo Mundo (não se restringindo apenas à América Latina) num contexto em que as potências ibéricas começam a declinar, e vemos o crescimento de França, Holanda e Inglaterra como atores principais da nova cena.

Através de uma ordem contida num documento datado de 1659, Roma buscava centralizar a administração das missões de evangelização, suprimindo o sistema de Patronado Régio implantado nas Américas hispânica e portuguesa. A nova orientação buscava extirpar a corrupção que tomara conta da Igreja nas missões mundo afora e acabar com os privilégios gerados pela instituição do Patronado. Um Vicário Apostólico seria enviado por Roma como chefe da missão evangelizadora, e só prestaria contas à Santa Sé.

Na América Latina as novas orientações da Igreja, evidentemente, não foram bem aceitas por portugueses e espanhóis, e o “novo sistema” nunca conseguiu ser implementado. A Igreja romana teve mais sucesso no Oriente, na China e no Vietnã, por exemplo, onde missionários franceses tiveram papel fundamental na evangelização.

O livro, entretanto, não se restringe à análise das relações da França com a América Latina na era colonial. Boa parte dos artigos é dedicada à importância que a marinha francesa teve ao longo dos séculos XIX e XX no continente. Assim, Christine Laffite-Carles escreve sobre a presença francesa na costa colombiana durante as guerras de independência, enquanto Philippe Lasterle trata da missão naval francesa no Peru entre 1905-1914. Os laços que unem essas duas marinhas, a peruana e francesa, do século XVIII ao XX, são estudados por Jorge Ortiz Sotelo. Já Michel Depeyre, fala sobre uma demonstração naval francesa em Buenos Aires no ano de 1838. Encerrando o volume, Jean Meyer nos apresenta um panorama geral da presença da França em costas latino-americanas no artigo intitulado *La marine française et l'Amérique du Sud au cours du XIX siècle*. Enfim, *La Mer, la France et l'Amérique Latine*, é uma obra a ser celebrada, pelo resgate que faz desta faceta olvidada da história latino-americana e francesa.